

A PALAVRA É SUA

A GINÁSTICA OLÍMPICA NO BRASIL

Marcelo Vidice Dianno

Centro de Estudos do Laboratório de Aptidão Física de
São Caetano do Sul - CELAFISCS

A ginástica olímpica moderna teve a sua origem na Alemanha, em meados do século XVIII, sendo atribuída a sua criação ao considerado "Pai da Ginástica Olímpica", o alemão Friedrich Ludwig Jahn(1).

Atualmente a ginástica olímpica é considerada como um dos mais belos e completos desportos, tendo evoluído a cada ano com a hegemonia dos países do leste europeu. O estágio em que se encontra a ginástica olímpica internacional faz com que suas competições se transformem em exibições de destreza, harmonia e perfeição dos movimentos, e a cada competição evoluem não só os ginastas, mas também os árbitros que acompanham a criação de novos movimentos e combinações inéditas, um autêntico acompanhamento da ampliação dos limites humanos a cada prova disputada.

Para se obter a nota máxima atualmente, o ginasta deve ultrapassar o limite conhecido pelos árbitros. Os exercícios perdem valor a cada competição por não serem mais novidade. Com o tempo, muitos exercícios vão sendo substituídos por outros cada vez mais originais e o grau de dificuldade cada vez mais elevado(2).

No Brasil, a história é bem diferente. Embora a ginástica olímpica tenha chegado ao país no início do século XIX através da colonização alemã nos estados do sul, este tempo não foi suficiente para que o Brasil acompanhasse o desenvolvimento internacional da ginástica.(3) Muitos são os problemas, mas para um país que já organizou uma Copa do Mundo de Ginástica Olímpica (São Paulo-1978) e pretende trazer pa-

ra o Brasil uma Universíade, algo deve ser feito. Muitas terão que ser as mudanças, tanto técnicas como administrativas, para não tornar este grupo que é super-reduzido de pessoas ligadas à modalidade, em eternos espectadores internacionais.(4)

Vamos analisar alguns fatores que prejudicam o desenvolvimento da ginástica olímpica no Brasil.

GINÁSTICA OLÍMPICA X GINÁSTICA ARTÍSTICA

Nos últimos anos, a ginástica brasileira vive uma grande controvérsia quanto ao seu próprio nome.

Por ser uma ginástica competitiva e fazer parte das modalidades disputadas nas Olimpíadas, os brasileiros a conhecem como ginástica olímpica. Em inglês o nome da modalidade é "Artistic Gymnastics", fato este que incentivou vários profissionais da área a traduzir para o nome de Ginástica Artística, como vários países utilizam quando se referem a este desporto.

Em 1985, os defensores do nome ginástica artística tiveram um grande motivo para a mudança definitiva do nome, é que a GRD (Ginástica Rítmica Desportiva) foi reconhecida como desporto olímpico pelo Comitê Olímpico Internacional, gerando, assim, duas ginásticas olímpicas: a ginástica artística (GA) e a ginástica rítmica desportiva (GRD).

Para que não houvesse mais confusão e também para que o Brasil utilizasse a nomenclatura mais conhecida internacionalmente, foi sugerida a mudan-

ça imediata do nome da antiga ginástica olímpica para ginástica artística, uma vez que esta não era mais a única a ser olímpica.

Neste ponto é que iniciaram-se os grandes problemas e as grandes brigas: alguns profissionais tradicionalistas não aceitaram esta mudança alegando que a troca do nome, após todos esses anos, trariam confusões e prejudicariam a popularidade(?) da modalidade. Surgiram neste momento os defensores do nome Ginástica Olímpica.

Mesmo assim o presidente da CBG (Confederação Brasileira de Ginástica) mudou o nome para Ginástica Artística, e a partir daí a modalidade passou a ser conhecida como tal pelos dirigentes, técnicos e ginastas.

Os tradicionalistas não aceitaram esta atitude que alegaram ser isolada e irregular da CBG, e esta mudança, afirmam eles, nem sequer foi comunicada ao CND (Conselho Nacional de Desportos). Segundo esses mesmos profissionais o problema foi levado ao Conselho das Federações e por cinco votos a zero, foi decidido que o nome oficial continuaria sendo "Ginástica Olímpica". (4)

Podem ter certeza que a controvérsia não vai parar por aí, e provavelmente continuarão os esforços para a mudança do nome.

Por enquanto não se espantem ao encontrarem em capas de livros, capas de revistas oficiais de ginástica, e cartazes promocionais de competições, nomes diferentes como: Ginástica Olímpica, Ginástica Artística, e até improvisações como: Ginástica Olímpica (Artística) e Ginástica Artística (Olímpica). Todos esses nomes se referem a mesma modalidade.

APARELHAGEM MODERNA

X

MATERIAL HUMANO

Quem entra num ginásio esportivo para assistir a uma competição de ginástica olímpica feminina, não imagina a diferença que há entre o treinamento e as condições de uma equipe para outra, por mais equilibradas que possam estar as ginastas e o nível dos seus treinadores.

Ao ver as ginastas se apresentando, temos a impressão que a diferença consiste nas cores das vestimentas das equi-

pes, mas o que ocorre faz parte de duas realidades diferentes.

Principalmente no estado de São Paulo, a diferença está entre as equipes de clubes de elite da capital e equipes mantidas pelas prefeituras de algumas cidades da Grande São Paulo.

Os clubes de elite, permitem a prática da ginástica, única e exclusivamente aos seus associados, o que nos leva às seguintes observações:

- os grandes talentos, não necessariamente surgem de um quadro de associados de um clube;
- a ginasta de um clube não necessariamente treina por ter aptidão na modalidade, ela pode apenas estar usufruindo de seu direito de associada do clube;
- por serem crianças de nível social elevado, as ginastas dos clubes estão constantemente envolvidas em viagens para propriedades de sua família, passando temporadas no exterior, e dividindo o tempo de treinamento com muitas outras atividades como ter aulas de piano, violão, o que é muito saudável, mas prejudica o trabalho do técnico na formação das equipes;
- embora os clubes possuam aparelhos modernos e instalações boas, há a dificuldade de se manter o mesmo nível com as suas usuárias inconstantes.

Por sua vez, as prefeituras municipais da região da Grande São Paulo, apresentam as seguintes características:

- os aparelhos geralmente são antigos e muitas vezes se encontram em estado precário para utilização;
- as instalações por serem áreas cedidas pela prefeitura, de acordo com sua disponibilidade, nem sempre possuem dimensões propícias para a prática da modalidade;
- as ginastas são melhores selecionadas, tecnicamente falando, mas são obrigadas a se submeter a condições inferiores de treinamento por mais competente que seja o técnico;
- o técnico conta com uma maior dedicação das ginastas que são escolhidas entre muitas que manifestam a vontade de praticar a modalidade. Essas meninas são de uma população de nível social inferior e treinam constantemente por terem o seu lazer muito restrito.

Será que não haveria condições de se montar um projeto nos clubes para se

lecionar meninas da população visando o treinamento da ginástica olímpica, independente dela ser associada do clube?

Isso tudo me faz lembrar da história de uma pequena garotinha, filha de um simples mecânico que morava nos arredores da cidade de Bucareste-Romênia, e um se tornou o maior mito da ginástica internacional de todos os tempos. Provavelmente ela não pertencia ao quadro de associados de nenhum clube de elite. Que sorte você teve, Nadia, em ter nascido longe daqui !

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1. SANTOS, J.C.E. e ALBUQUERQUE FILHO, J.A. Manual de Ginástica Olímpica, 2ª edição, Editora Sprint, Rio de Janeiro, 1985.
2. Revista Veja, pag. 93, de 4 de novembro de 1987.
3. A Gazeta Esportiva, pag. 24 e 25, de 24 de abril de 1987.
4. Subsídios da Reunião dos Técnicos da Federação Paulista de Ginástica, em São Paulo, 12 de março de 1988.



PESQUISA NA ATIVIDADE FÍSICA ESPORTIVA

Nosso tema hoje: "A Pesquisa na Atividade Física Esportiva". Nosso entrevistado de hoje, Dr. Victor K.R. Matsudo, é especializado em Medicina Esportiva e Ortopedia e Vice-Diretor da Escola Superior de Educação Física de São Caetano do Sul. Dr. Victor também é Diretor-Geral do Centro de Estudos do Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul. É fundador e primeiro presidente do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, membro da Diretoria-Geral do Conselho Internacional de Ciências do Esporte e Educação Física, que é um órgão da UNESCO e editor científico da Revista Brasileira de Ciência e Movimento.

RBCM - Dr. Victor, como é que tem se desenvolvido a pesquisa no esporte e a sua história? É uma tradição já? Ou isso ainda é coisa nova, recente, não tão antiga quanto o esporte?

VM - Bem, embora a atividade física esportiva seja quase que inerente à espécie humana, uma vez que a gente encontra sinais de alguns esportes desde o homem da caverna, essa atividade só veio receber uma atenção dos cientistas, uma abordagem mais científica, há pouco mais de um século. Assim a ciência do esporte, ou seja, um conhecimento mais profundo dessa atividade, é um domínio recente da nossa civilização. E isso mesmo contando a história dos países mais avançados. Se formos extrapolar para o nosso país, evidentemente que ainda existem inúmeras regiões aqui onde nem se chegou à idéia de que esporte é uma atividade importante.

RBCM - E que precisa ser pesquisada ...

VM - Que precisa ser muito pesquisada. A abordagem científica realmente pode trazer oportunidade para distinguirmos os mitos e as verdades em atividade física. Porque constantemente se fala dos benefícios da atividade física, muitas vezes baseados na "achologia". O público está sempre ouvindo

"Eu acho que isso faz bem para isso, faz bem para aquilo". No entanto se nós fôssemos analisar cientificamente, nenhuma frase de efeito como: "O esporte ajuda a crescer" conseguiria resistir, porque nós iríamos ver que, nem sempre a pessoa que fez atividade física conseguiu crescer como desejaria. Ou até o seguinte: "Será que aquele brasileiro lá nos fundos do nosso país, que não está bem alimentado mas também fazendo tantos exercícios, realmente vai crescer?" Ou será que ele, ao contrário, não vai ficar com a estrutura prejudicada por tanto exercício puxado?"

RBCM - Pesquisa para isso, no Brasil, ainda não existe? Ou nós estamos apenas engatinhando?

VM - Não, as notícias são boas. As notícias realmente são boas, porque o nosso país já há alguns anos tem dado atenção à área de investigação nesse setor esportivo. Nós temos hoje uma universidade preparada e se preparando para analisar, cada vez mais cientificamente o esporte, através dos cursos de pós-graduação "Lato Sensu" e de mestrado. Inclusive, o Brasil é um dos poucos países do Terceiro Mundo com mestrado na área de Educação Física. Nós temos os cursos de

Medicina Esportiva, nós temos mais psicólogos, nós temos um grupo de profissionais comunicado - res, pedagogos, nós temos um grupo de profissionais que está trazendo a contribuição e a experiência de diversos setores para uma ótica comum. Então, é o que dominamos de Ciências do Esporte. De maneira que, hoje, o Brasil é uma liderança internacional no setor de Ciências do Esporte. Nós podemos dizer que o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, que é um órgão que congrega todos aqueles que investigam, aqueles que consomem e aqueles que pesquisam mais diretamente, se situa entre as dez maiores entidades de todo o mundo no setor de Ciências do Esporte. E isso é realmente fascinante, principalmente que há poucos anos atrás o Brasil ainda tinha um modelo im-

RBCM - Na realidade essa pesquisa tem uma origem brasileira na sua essência? Ou existem modelos importados? Por que, infelizmente, muitas das ciências que são desenvolvidas aqui no Brasil trazem, inicialmente, um modelo fora da realidade de brasileira, não é? E no esporte, isso aconteceu?

VM - Isso também aconteceu aqui. Vocês se lembram daquela febre do "Ninguém Segura este País", após o Campeonato Mundial de 70, quando muitos cursos foram feitos para manter aquela aura do esporte, na crença de que no Brasil pudesse ser uma "potência olímpica". E isso tudo fez com que se criasse, outras vezes, mitos nessa área, fazendo com que pessoas pensassem que fossem resolver o problema da abordagem científica do esporte importando material. Então, não foi raro aquele que entrou no engodo proposto naquela época, de tentar preparar o atleta de laboratório, um grande atleta brasileiro que fosse preparado numa tecnologia totalmente importada. Na nossa área esportiva houve também essa fase. No entanto, não há mal que resista por todo tempo e...

RBCM - Graças a Deus.

VM - Exatamente. E como Deus é brasileiro...

RBCM - Dizem né?

VM - E eu até brinco. Eu acho que Ele além de Brasileiro fez Educação Física... Bem, como estávamos falando, nós tivemos assim bastante oxigenação nesse setor e uma preocupação real dos profissionais de Educação Física, os profissionais da área Médica de Psicologia, enfim, desse pessoal todo que trabalha no setor, em desenvolver um modelo próprio para o Terceiro Mundo. Um modelo mais de acordo com a nossa realidade e que vai priorizar as populações menos assistidas, que também devem se beneficiar de uma atividade física adequada,

mas não vai se esquecer da outra ponta, do atleta de alto nível, do atleta de elite, que vai representar o nosso país em eventos internacionais. De maneira que, eu acredito que o Brasil está realmente amadurecendo um modelo nacional de investigação no setor, com a contribuição de diferentes núcleos de pesquisa, distribuídos até agora de uma forma mais heterogênea pelo país, o que é muito saudável. Cada um contribuindo mais num setor, por exemplo, pedagógico, outro no setor mais bioquímica do exercício, outro mais no setor de crescimento e desenvolvimento e nutrição como é o caso do CELAFISCS. Outros trabalhando só com os carentes ou deficientes. Da maneira que nós estamos desenvolvendo, o Brasil chegou a um modelo muito interessante, porque a proposta não é a atividade física só para os extremos, como por exemplo o talentoso.

Muitas vezes, a pessoa pensa: "Pesquisa em Educação Física, esporte, é fazer aquele negócio de laboratório, fazer uma poção mágica para fazer o cara saltar mais, ganhar um recorde e tal".

RBCM - Dar um saque com mais eficiência não é?

VM - Exato, e vocês vêem, só pegando esse exemplo que o Bernard não precisou fazer nenhuma poção mágica para dar um saque com eficiência terrível. O que ele usou como instrumento, e é isso que procuramos elaborar muito no nosso grupo de pesquisa, é o principal instrumento de pesquisa, que não é nenhum equipamento: o nosso neurônio. Ele colocou a serviço da atividade física. Ele montou aquele "Jornada nas Estrelas". É isso que a gente está procurando trabalhar em um modelo próprio do Terceiro Mundo, respeitando e conhecendo o desenvolvimento internacional mas tendo uma linha coerente com as nossas prioridades, com as nossas necessidades e fazendo com isso que o Brasil atenda a uma criança favorecida, a uma criança de classe inferior, que possa obter a mesma felicidade praticando esporte, como aquele indivíduo que vai para uma Olimpíada também, que está ultra-feliz, realizando um sonho. Uma proposta mais democrática, real. Um exercício que vai beneficiar aquele obeso, tanto quanto aquele talentoso, aquele asmático, aquele cardíaco, aquele diabético. Nós temos programas, inclusive, interessantes nesse setor de diabete, aqui em São Paulo e noutros lugares do país. De maneira que, hoje a atividade física deixou de ser simplesmente aquele negócio pouco sério, que qualquer um faz. A gente até fala que na época em que valia só o talento, enquanto simplesmente uma habilidade natural ganhava os campeonatos, o Brasil não precisa investir muito em investigações. Mas na hora em que se começa

a perceber que, além do talento, entram outros fatores, no contexto internacional, desde o nível competitivo mais alto até o nível competitivo inicial, é necessário um amparo científico. Realmente aí ou o país define uma política séria da investigação, para saber até que ponto podemos chegar, ou infelizmente amargaremos situações indesejáveis em termos internacionais.

RBCM - Essas pesquisas têm contemplado diferentes modalidades esportivas, por exemplo, o futebol? Há muitas pesquisas em futebol, que é a paixão brasileira, não é?

VM - É, isso é muito interessante, porque veja, se você estiver interessado no basquete, provavelmente vai para os Estados Unidos para aprender o que eles estão fazendo no basquete. Se você está interessado em natação, pode ir para os Estados Unidos, para a Alemanha ou para a União Soviética, não é? O Brasil é o país do Futebol e realmente aí nós somos obrigados a reconhecer que o número e a qualidade de investigação no futebol Brasileiro é ridículo, em relação à dimensão que esse fenômeno - o futebol - tem na nossa sociedade. Até, por outro lado, vem reforçar a tese da importância da abordagem científica no esporte. Por que, veja bem: o voleibol, que até pouco tempo atrás era uma modalidade muito pouco praticada nesse país, foi, sem dúvida, das modalidades es-

portivas a que mais se utilizou dos estudos científicos. Desde os diferentes técnicos que passaram pela equipe até os próprios atletas. Seus dirigentes entenderam essa importância e o voleibol conseguiu crescer e chegar a esse padrão internacional. E os esportes que, no momento, talvez tenham mais estudos científicos no Brasil, são realmente o basquete e voleibol, enquanto que no futebol, que é uma coisa nossa, a situação é triste, pois talvez se pense que como todo mundo joga futebol, não se precisa estudá-lo.

RBCM - Todo brasileiro joga futebol não é?

VM - Pois é, mas o problema é que ele foi ficando assim um pouquinho para trás, em termos de pesquisa. E, talvez, seja mais uma das explicações da situação do Brasil, em termos internacionais no campo do futebol, onde não ganhamos títulos importantes há anos.

RBCM - Então, se quisermos crescer, em qualquer modalidade, é preciso pesquisar?

VM - É. E, principalmente, para poder entender que crescimento que o esporte pode nos fornecer não é no tamanho dos ossos, mas principalmente no tamanho da cuca. E é no exercício do pescoço para cima que a ciência do esporte tem mostrado ser o fator mais importante de crescimento humano.

X

A DIDÁTICA E O ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Noemia Rodrigues Resende
Escola Superior de Educação Física de
São Caetano do Sul.

"Métodos, Processos e Técnicas de Ensino" são termos de largo uso e conhecimento de todos os profissionais da área do magistério, são expressões muito antigas da Pedagogia e da Didática.

Entretanto, no Ensino de Educação Física, é muito comum encontrarmos uma confusão generalizada na aplicação desses termos consagrados.

Qual a explicação para essa confusão? Parece-nos que a ânsia de tornar a Educação Física, um assunto sério, como de fato é, e na tentativa de demonstrar a necessidade de avaliação de métodos e técnicas corretas para o ensino de professores e também autores de livros es-

pecializados, se aventuraram a aplicar a nomenclatura da Didática Geral e ajustá-la aos fenômenos de ensino e aprendizagem da Ciência do Esporte ou do Movimento.

Dado a natureza do próprio conteúdo, esses "empréstimos", além de inadequados, causam muita confusão. Senão vejamos:

- como aplicar o método global ou ensino da Educação Física?

- como dizer que usamos do método indutivo ou dedutivo?

Há de se tomar certos cuidados e evitar o uso de expressões "ilegítimas" para a matéria em questão.

Enquanto os professores não estive -

rem seguros do real significado de cada termo e de sua real aplicação, é melhor não arriscar. Enquanto, todos esperamos os progressos na área da Educação Física, o que podemos fazer para contribuirmos para tanto, é não esquecermos que o Professor de Educação Física é antes de tudo um Educador - e essa postura nos obriga a procurarmos atingir durante nossas aulas os quatro domínios do comportamento: - O Domínio do conhecimento (cognitivo), os psicomotores (adestramento), os afetivos e os sociais.

Ao transmitirmos conhecimento, ao desenvolvermos habilidades, devemos formar atitudes positivas - sem as quais não haverá educação.

Outro fator importante é o professor lembrar-se de que antes de tudo ele é

exemplo - tanto moral, quanto profissional. Nossa postura pessoal e profissional ensinará mais do que os conteúdos que integram nossos programas.

O professor precisa ser amigo do aluno e depois respeitado pela competência. A competência sem afetividade - afasta o aluno da matéria e do professor. Traduzindo em termos práticos, o aluno aprenderá todo o conteúdo de uma determinada matéria, mas procurará esquecê-la e não a incluirá no seu próprio programa, quando ela estiver ligada à lembrança de um professor desumano.

Deverá também o profissional da área de Educação Física, preocupar-se em desenvolver a "Ciência do Movimento" o próprio esporte, a hora é de "fazer" ciência e não de ensinar a ciência.